

Os presidentes Sarney e Raúl Alfonsín, da Argentina, assinam hoje um comunicado conjunto na área nuclear em que os dois países confirmam a disposição exclusiva do uso pacífico da energia nuclear atômica. No segundo dia de sua viagem à Argentina, Sarney visitou ontem a ultra-secreta usina nuclear de enriquecimento de urânio de Pilcaniyeu, que funciona desde 1983 em forma industrial.

A usina fica a 60 quilômetros de Bariloche, para onde os dois presidentes viajaram no início da manhã sob um forte esquema de segurança. O trem que conduziu Sarney e Alfonsín pelos oito quilômetros que separam Beriloche da usina foi estritamente vigiado por um helicóptero, enquanto os agentes de segurança identificavam os passageiros — medida que se repetiu algumas vezes. Até ontem, a usina nuclear não tinha sido visitada por ninguém — nem mesmo pelo presidente argentino.

“Fundamentalmente se trata de um gesto simbólico de permitir ao presidente Sarney e aos altos funcionários e técnicos que o acompanham visitar nossa usina mais reservada. Essa visita tem um conteúdo político de primeira grandeza”, disse o porta-voz de Alfonsín, Jose Ignacio Lopez.

Pelo uso pacífico da energia nuclear

Sarney e Alfonsín assinam hoje um comunicado conjunto. Ontem, o presidente brasileiro esteve na usina de enriquecimento de urânio de Pilcaniyeu.

Segundo comentários internacionais, seria precisamente em Pilcaniyeu onde a Argentina constrói sua bomba atômica — uma insinuação que o presidente do Conselho de Licenças sobre Segurança Nuclear Argentina, Dan Allison, desmente. “Nossa função é exclusivamente pacífica”, afirmou. “Uma bomba atômica, mais precisamente o caminho até a bomba atômica, vai na dire-

ção inversa dos nossos propósitos. Só trabalhamos para fins pacíficos. Essa visita de abertura para o Brasil é uma prova disso. Antes estávamos em concorrência. Agora, em cooperação”.

No final da tarde de ontem, depois da visita à usina, Sarney e Alfonsín tiveram mais uma reunião de trabalho. Hoje, os dois assinam um protocolo na área de adminis-

tração pública, que prevê o intercâmbio de informações sobre as reformas na máquina administrativa que vêm sendo efetuada em ambos os países. Até no que se refere à mudança da capital argentina de Buenos Aires para Viedma Alfonsín quer usar a experiência brasileira.

A idéia do intercâmbio surgiu há dois meses. Pelo acordo acertado, todo e qual-

quer projeto desenvolvido por um dos países será repassado ao outro, para que as experiências sejam divididas e aproveitadas.

Os argentinos têm especial interesse nos métodos de transferência das instituições governamentais para uma nova capital. E o Brasil pode ganhar muito com a experiência de três anos da Argentina com uma escola para formação de assessores de alto nível.

Com o acordo assinado entre os países também ficará mais barato e fácil o transporte de carga e passageiros. Será criada uma apólice de seguro única, válida nos dois países, não havendo mais necessidade de dois seguros. As licenças para passar pelas fronteiras, enfim, serão simplificadas. Para facilitar a comunicação entre os dois presidentes, deverá ser acertada hoje a instalação de um vídeo-fone com ligação direta entre Buenos Aires e Brasília, nos gabinetes de Sarney e Alfonsín.

De Viedma, a futura capital Argentina, a última etapa de sua visita, Sarney regressa hoje a Brasília às 15h45 — a tempo de se preparar para o jantar com os governadores do PMDB na casa de Ulysses Guimarães.



Sarney e Alfonsín, no trem para a usina: acordos.